



Síria: localização geográfica.



Síria:

verdades e factos sobre o conflito

O CPPC

Condema as acções de intromissão e boicote de potências estrangeiras para desestabilizar esse país;

Exige o fim das sanções contra a Síria, cujas primeiras vítimas são as populações de todas as etnias e credos;

Exige o fim da ingerência contra a Síria, o respeito pela soberania do seu povo e pela independência e integridade territorial deste país (incluindo os Montes Golã, ilegalmente ocupados por Israel), rejeitando qualquer intervenção militar contra a Síria;

Apela, no espírito e respeito da Carta das Nações Unidas, ao diálogo, à negociação e à diplomacia para a resolução pacífica dos conflitos na região;

Considera que todos os povos, incluindo o da Síria, têm o direito a viver em paz e em democracia, de acordo com as suas decisões soberanas;

Reclamamos do Governo português o fim da sua política de apoio à escalada de tensão e de conflito no Médio Oriente e, pelo contrário, uma atitude consentânea com a Constituição da República que preconiza a solução pacífica dos conflitos internacionais e a não ingerência nos assuntos internos dos outros Estados e a Carta das Nações Unidas, exigindo o retomar das relações diplomáticas entre Portugal e a Síria.

NOME

Oficial: República Árabe Síria

POSIÇÃO ESTRATÉGICA

Localizada no Sudoeste Asiático, a **Síria faz a articulação entre 3 continentes:** Ásia, África e Europa

FRONTEIRAS (World Factbook)

Iraque, leste (605 km)
Israel, sudoeste (76 km)
Jordânia, sul (375 km)
Líbano, oeste (373 km)
Turquia, norte (822 km)
Mar Mediterrâneo, oeste (193 km)

RECURSOS NATURAIS (World Factbook)

Petróleo, fosfatos, minério de cromo, minério de manganês, asfalto, minério de ferro, pedra de sal, mármore, gesso, água.

GOVERNO

Sistema Político: Multipartidário
Presidente: Bashar al-Assad, eleito por referendo popular em 2000 e 2007.

POPULAÇÃO (World Factbook)

Geral: 22 517 750 (2010).
Montes Golã (ocupados por Israel): 20 mil árabes e cerca de 19 100 colonos israelitas (Julho 2011).

RELIGIÕES (World Factbook)

Muçulmanos Sunitas: 74 %
Outros Muçulmanos (inclui Alauítas, Drusos): 16 %
Cristãos (várias denominações): 10 %
Judeus: pequenas comunidades em Damasco, Al Qamishli e Aleppo.

GRUPOS ÉTNICOS (World Factbook)

Árabes: 90,3 %
Curdos, Arménios, Aramaicos, Circasianos e Turcomanos: 9,7 %

LITERACIA (World Factbook)

Total: 79,6 %
Homens: 86 %
Mulheres: 73,6 %

FACTOS (Ministério do Turismo Sírio)

Berço da civilização há mais de 12 mil anos: início da prática da agricultura, primeiras povoações sedentárias, primeiras habitações humanas, nascimento das religiões monoteístas e do antigo património linguístico.

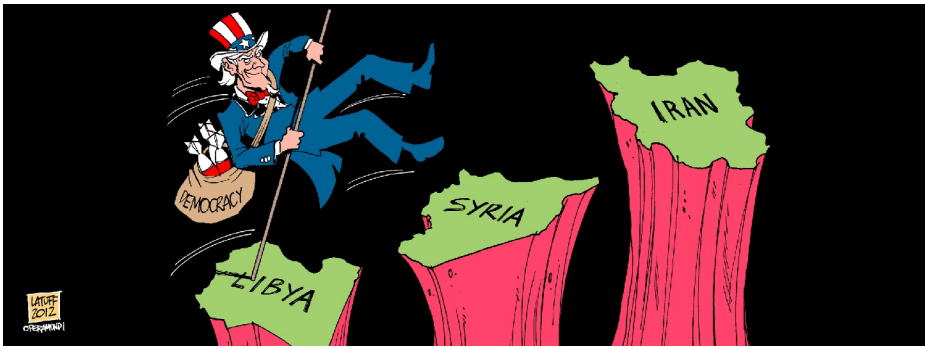
O alfabeto mais antigo, representado nas Tábuas de Ugarit, foi encontrado na Síria.

Local de encontro, desde a origem da humanidade, de diferentes povos, culturas e impérios ponto de passagem das antigas rotas comerciais, como a Rota da Seda.

Damasco, a sua capital, é largamente reconhecida como uma das cidades mais antigas continuamente habitadas do mundo, assim como Aleppo, a sua segunda maior cidade.

País que durante décadas desconheceu conflitos étnicos ou sectários, onde convivem harmoniosamente e pacificamente comunidades étnicas e religiosas diferentes.

Um dos poucos estados árabes laicos do Mundo.



O CONFLITO

Origem do Conflito

A mentira

De acordo com as informações que diariamente nos chegam através da comunicação social, afirma-se que o que se passa na Síria é uma revolução popular pacífica contra o governo sírio de Bashar al-Assad por um país democrático, pluralista, independente e livre, que respeite os direitos das pessoas quaisquer que sejam a sua etnia, religião ou sexo - o qual responde com violência e esmagamento militar contra os seus cidadãos.

A verdade

O que se passa na Síria é um conflito militar, instigado, financiado e mantido a partir do exterior por aqueles para quem os justos anseios do povo sírio de mais justiça e democracia servem apenas para justificar mais uma guerra de agressão já em curso.

Estratégias

Com o objectivo de originar um conflito na síria, tendo em vista uma intervenção militar, desenvolve-se:

- a instrumentalização de questões internas a fim de promover a desestabilização;
- o financiamento, armamento e treinamento externo de grupos mercenários, conhecidos como Exército Sírio Livre (ESL), que frequentemente nem sequer são cidadãos sírios, que levam a cabo actos terroristas contra o povo sírio, culpando-se posteriormente o exército sírio de ser o responsável;
- os mesmos grupos de mercenários, levam a cabo simultaneamente acções de sabotagem de infraestruturas essenciais ao funcionamento económico do país, como estradas, oleodutos, gasodutos, etc.;
- o isolamento económico e político do país, através de sanções económicas e comerciais - o congelamento de bens de instituições financeiras sírias, a proibição da venda e do transporte de gás e combustível utilizados no aquecimento doméstico e na indústria, entre outras sanções que provocam a desestabilização da economia, o aumento significativo do desemprego e o aumento generalizado do custo de vida, que nalguns casos representa a multiplicação do preço de bens de primeira necessidade - por parte da LA, EUA, e EU e do corte das relações diplomáticas com a Síria e seus representantes em vários países do mundo;

- e uma tentativa de instrumentalização da ONU e suas agências, de modo a justificar uma intervenção militar que serve apenas os propósitos belicistas e hegemónicos dos EUA e seus aliados;
- tudo isto, acompanhado de uma intensa campanha de desinformação e deturpação da realidade no terreno.

Intervenção Militar

A mentira (justificações)

A chamada «comunidade internacional», pretende justificar uma intervenção militar na Síria à semelhança do que aconteceu em outros países, como uma guerra em nome da «luta pela democracia», da «protecção humanitária», do combate à «proliferação de armas de destruição maciça» ou da «guerra contra o terrorismo».

A verdade (objectivos escondidos)

Por detrás desta intervenção militar, escondem-se na verdade os interesses económicos e geoestratégicos das principais potências da NATO e da indústria militar a elas associada, que no contexto de crise que o capitalismo vive actualmente, procuram por um lado o controlo dos recursos naturais e energéticos da região e por outro reafirmar a sua hegemonia planetária.

Será bom lembrar que nunca potência alguma fez uma guerra que não fosse para daí retirar dividendos, seja em território ou em matérias-primas!

Este conflito insere-se num plano mais alargado de agressão e controlo regional e mundial, de que fazem parte por exemplo as ameaças ao Irão.

Os «Grupos Libertadores»

Quem apoia

O envolvimento dos EUA (CIA), Israel (Mossad), Reino Unido (UKSF), Holanda, França, Bélgica, Alemanha é conhecido. De forma mais concreta, podemos dizer que estes são grupos armados e financiados a partir do exterior por uma coligação liderada pelos EUA, França e Alemanha, operacionalizada pela Turquia e financiada pelo Qatar e Arábia Saudita.

Armamento, tipo e origem

Bombas, explosivos, metralhadoras, munições, antiaéreas, mísseis terra-ar, detonadores, uniformes militares, aparelhos de comunicação, espingardas, miras telescópicas, lança-granada, aparelhos de visão nocturna, coletes anti-bala, e outros armamentos, que são oriundos, entre outros, dos EUA, França, Israel.

Bases militares

No Líbano e na Turquia funcionam bases do ESL, estando estes países que possuem fronteira com a Síria, a funcionar como plataforma de agressão ao país.

Países de origem

Afganistão, Bangladesh, Chechénia, Iéman, Iraque, Jordânia, Líbia, Paquistão, Tunísia, Turquia.

O fracasso da intervenção na Síria e dos planos de paz

Fracasso dos planos iniciais

Inicialmente, os EUA e seus aliados na NATO e na região pretendiam derrubar rapidamente o Governo Sírio. No entanto, a contínua resistência e veto da China e da Rússia a uma intervenção militar no terreno, apoiada pelo Conselho de Segurança da ONU, dificultou os seus objectivos.

Fracasso dos planos de paz e a tentativa de envolvimento dos países vizinhos

Face à dificuldade de obter o apoio do Conselho de Segurança, a embaixadora norte-americana na ONU, Susan Rice, sugeriu que uma intervenção militar da «comunidade internacional» contra «o regime de Bashar Al-Assad» poderia avançar mesmo sem esse apoio. Para tal, teria de falhar o plano de paz do enviado da ONU, Kofi Annan, e o conflito teria de ultrapassar as fronteiras sírias. Assim se percebe o porquê da não adesão da chamada «oposição» aos planos de paz que Kofi Annan tem vindo a mediar entre estes e o governo sírio, assim como os incidentes com a Turquia.

Vítimas (World Fact Book)

O número de mortes entre as forças do governo sírio, as forças de oposição e civis superou 60 mil.

Conflito sírio e a estabilidade do Médio Oriente

A Síria é um elemento de estabilidade no Médio Oriente. A escalada da guerra é contrária às aspirações e interesses de todos os povos da região e do mundo, pode condenar o povo sírio a décadas, de guerra e dar origem a uma guerra regional conduzindo a um conflito de dimensões imprevistas.

Conselho Português para a Paz e Cooperação

Rua Rodrigo da Fonseca, 56 2º 1250 -193 Lisboa, Portugal
Tel. 21 386 33 75
Fax 21 386 32 21
E-mail: conselhopaz@cpcp.pt
Site: www.cpcp.pt